

## SONÁRIO DO SERTÃO: experiências sonoras no sertão nordestino

Camila Machado Garcia de Lima<sup>1</sup>

Resumo: Esta pesquisa investiga o imaginário sonoro a partir de um acervo de sons registrados nos sertões da Bahia e Pernambuco. Tendo o som como caminho epistêmico para os estudos na comunicação, realiza-se um inventário sonoro, que também é afetivo, cultural e social.

Palavras-chave: imaginário; sertão; cultura do ouvir.

Esta pesquisa investiga um acervo de sons captados nos sertões de Pernambuco e da Bahia, no período de maio a outubro de 2017 em territórios campesinos. Estes sons são um caminho epistêmico para os estudos na comunicação, e o alicerce da pesquisa são as noções da *cultura do ouvir*, *paisagem sonora* e *sonosfera*. O objetivo é realizar um inventário de sons da região, a partir da importância afetiva, cultural e social do imaginário sonoro.

Ao retomar a *cultura do ouvir*, Norval Baitello (2005) destaca na sociedade atual a exacerbação da imagem e da visibilidade e a suspeita de estarmos “dispensando os outros sentidos que não a visão”, numa espécie de surdez voluntária, estaríamos então nos tornando “surdos que têm a capacidade de ouvir, mas que não querem, não têm tempo ou então não dão atenção ao que ouvem” (BAITELLO, 2005, p. 99). Com a noção de *paisagem sonora*, Schafer (2006) nos propõe a necessidade de escutá-la com atenção, deixá-la nos afetar e também mudá-la conforme nossas experiências. Já Peter Sloterdijk (2016) traz a *sonosfera* num papel importante na partilha do mundo interior: “trata-se da comunidade auditiva constitutiva que integra os humanos em um anel não objetivo de mútua acessibilidade. A intimidade e a publicidade têm na audição, o órgão que as interliga.” (SLOTERDIJK, 2016, p. 470). Assim, esta pesquisa se baseou na comunidade sonosférica, essa “redoma acústica que cobre todo o grupo” (SLOTERDIJK, 2016, p. 470), para pensar, identificar, significar e construir o Sonário do Sertão.

A partir da pesquisa de campo e da análise de mais de 2 mil arquivos sonoros foi possível esboçar um painel do imaginário sonoro, fragmentado em determinados territórios e poéticas da experiência afetiva e intuitiva no sertão. Um recorte que foi dado

a partir da pesquisa, dos encontros e colheitas no campo e de percepções pessoais e conceituais durante o processo.

Dos sons escutados durante as viagens pelo sertão, pudemos classificá-los em Memórias e Narrativas, Festas e Tradição, Cotidiano e Paisagens. Dos últimos, o mais comum é o de pássaros. O costume de plantar frutíferas próximo às casas, além de facilitar a colheita dos frutos, seria considerado por Schafer uma maneira de tratar acusticamente sua paisagem sonora: o som de passarinhos ao redor da casa as desperta e as anima desde o amanhecer. No livro “Sound and Sentiment” ao analisar os hábitos sonoros de habitantes da Papua Nova Guiné, Steven Feld afirma que os “pássaros são importantes na demarcação do espaço social” (FELD, 1982, p. 61, tradução nossa), por isso jamais são caçados próximos aos vilarejos e a presença dos pássaros, das árvores e dos seus sons são escutados atentamente.



*Fig*

*ura 1: QR code para link do som  
“Amanhecer em Bodocó”*

Atualmente, não existe na atmosfera terrestre algo como silêncio, como afirmado constantemente por John Cage (1960). O silêncio pode ser considerado um estado psicológico que permite entrar numa frequência harmônica com os sons ao redor e com si mesmo, para que os pensamentos fluam. Daí, não estamos tratando o silêncio como a ausência de sons mas sim de seu potencial simbólico. “O silêncio [...] não pode ser compreendido simplesmente pela ausência de sons, senão que se constitui como um ambiente audível, capaz de estimular o ouvinte até uma vivência dos sons como silêncio.” (SPINOLA, 2016, p. 73).

Este silêncio é o que se pode encontrar no sertão quando Seu Zé de Citonho senta no fim da tarde debaixo do umbuzeiro e escuta “silenciosamente” o canto das guinés indo

dormir um pouco assustadas com o vôo de um gavião. Da escuta, desta vivência sonora concreta ou, como diz o teórico, músico e místico alemão Joachin-Ernst Berendt com o “domínio do corpo através das vibrações” (BERENDT, 1993, p. 57), pode-se também partir para uma significação, formação de sentido cotidiano e mágico que organiza de alguma maneira as vivências. Não é raro escutar que sons são associados à chegada da chuva, tão desejada no semiárido brasileiro, ou a mau agouro.



Também comum nas conversas no sertão é a presença de cantos ou ruídos no meio das narrativas. A história inclui um canto que conta uma história. O cantar e o contar se embaralham numa coisa só. Talvez seja nessas conversas/entrevistas onde mais se misture essa possibilidade de que sons e memória sejam a mesma coisa. É esta a aposta do Sonário do Sertão.



*Figura 3: QR code para link do som “Seu Joaquim conta sobre o Batalhão e a Casa de Farinha”*

## Referências

- BAITELLO, Norval. **A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura**. São Paulo: Hacker, 2005.
- BERENDT, Joachin-Ernst. **Nada Brahma. A música e o universo da consciência**. São Paulo: Cultrix. 1993.
- CAGE, John. **Silence**. Connecticut: Wesleyan University Press, 1960.
- FELD, Steven. **Sound and sentiment: birds, weeping, poetics and song in Kaluli expression**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- SCHAFER, Murray. **Hacia una educación sonora**. México: Radioeducación. 2006
- SLOTERDIJK, Peter. **Esferas – Volume I – Bolhas**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.
- SPINOLA, Luiza. **Áudio-imagem**. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica. São Paulo: PUC-SP. 2016.